



www.fundacaopodemos.org.br

Estudo especial:

Dia Internacional das Mulheres

Marcia Baratto

Rua Francisco de Moraes, 329
Chácara Santo Antônio | São Paulo, SP
+55 (11) 5184-1155



SUMÁRIO

01. Mulheres na luta por direitos	3
02. Por que celebramos o dia 08 de março como o Dia Internacional das Mulheres?	3
03. A História do Dia Internacional das Mulheres	5
04. Combate à discriminação contra mulheres: múltiplos atores, múltiplas pautas de reivindicação	6
05. No século XXI: novos significados para o 08 de março	7
a) Combatendo a violência e os abusos	
b) Quem são as mulheres? Identidade de gênero e a questão racial	
c) Direitos reprodutivos e a questão da maternidade	
d) A participação política ainda a ser conquistada	
e) Mulheres e Mercado de trabalho	
06. Será necessário um dia Internacional das mulheres?	9



Introdução

Marcia Baratto

Por que celebramos o dia 08 de março como o Dia Internacional das Mulheres?

O dia 08 de março é celebrado como o Dia Internacional das Mulheres, data que passou a integrar o calendário de muitos países por influência da aprovação do dia no calendário oficial de datas comemorativas da Organização das Nações Unidas - ONU, em 1975.

Por que o dia existe? O que ele celebra? O que significa hoje para movimentos feministas e ativistas por direitos das mulheres? Qual o impacto social do dia e como é recebido pela opinião pública? Nessa cartilha vamos falar da importância do 08 de Março como dia de mobilização global pelos direitos das mulheres, explicando sobre a história do dia, e o que ele significa para a mobilização por direitos das mulheres através do mundo.

Para a mobilização dos direitos mulheres é importante enfrentar as múltiplas formas de discriminação que fazem com que mulheres tenham menos acesso a direitos humanos básicos, especialmente se com-

paradas aos homens. Contudo, nem todas as mulheres experienciam as mesmas discriminações, questões raciais e de classe e atingem diferentes mulheres de formas variadas. Por exemplo, mulheres indígenas têm as mesmas condições de acesso a cargos de poder que mulheres não indígenas? Mulheres negras e mulheres têm o mesmo acesso ao mercado de trabalho? Seus salários são equiparáveis? A expectativa de vida de mulheres trans e mulheres cis é parecida? Trabalhadoras urbanas e trabalhadoras rurais recebem em média o mesmo valor de aposentadoria? A maternidade e o fardo do trabalho doméstico não-remunerado impactam a saúde e a qualidade de vida de todas as mulheres da mesma forma? Múltiplas são as mulheres no mundo e variadas as suas mobilizações por direitos e tudo isso se reflete na importância e na forma como o público vê o 08 de março.

O Dia Internacional das Mulheres é data para celebrar a mobilização política de

mulheres por direitos e que, hoje também é visto como uma oportunidade de celebrar a importância das mulheres para a sociedade. O costume de dar pequenos presentes e flores para mulheres no trabalho, do círculo familiar tem se tornado mais frequente na última década, mas o sentido primordial do dia ainda é o da mobilização política por direitos.

E como tudo isso começou? Por que se passou a considerar o dia 08 de março como um dia importante no calendário mundial para discutir os direitos das mulheres?

02. A História do Dia Internacional das Mulheres

Direitos trabalhistas, voto, paz entre os povos e solidariedade foram os motivadores das primeiras manifestações que usaram a expressão Dia Internacional das Mulheres, no início do século XX. A história mais difundida acerca do primeiro uso do título da data, diz respeito ao assassinato de 125 trabalhadoras da indústria têxtil em 08 de março de 1857 em New York. As trabalhadoras foram queimadas vivas dentro de uma fábrica, por estarem organizando uma greve.¹

Todavia, essa versão dos fatos nunca foi comprovada por historiadores. O massacre documentado teria acontecido em 1911, no dia 25 de março. Nos turbulentos anos do início do século XX, quando questões como o voto feminino e o acesso à universidade por mulheres eram considerados exigências de ideologias radicais, várias mobilizações entre os Estados Unidos e a Europa reivindicavam o título 'Dia Internacional das Mulheres'.

Em 1908, na cidade de New York - EUA, ocorreu uma grande marcha de mulheres por mudanças sociais e legais que garantissem o direito ao voto e jornada de trabalho reduzida, bem como outros direitos trabalhistas. Estima-se que 15 mil mulheres participaram da manifestação. Na Europa, organizações de mulheres se voltaram para as mobilizações pelo voto feminino, bem como para a articulação de trabalhadoras em sindicatos. O movimento sufragista na Inglaterra era célebre por organizar marchas com centenas de mulheres.

Em 1910, na segunda conferência Internacional das Mulheres Trabalhadoras, a ativista Clara Zetkin (membro do partido social democrata alemão) sugeriu a criação de um dia internacional das mulheres, que permitisse que no mesmo dia, ativistas em diferentes países organizassem atos pelos direitos das mulheres. A sugestão foi aprovada e já no próximo ano vários países europeus começaram a celebrar o "Dia Internacional

das Mulheres". Mas a data era variável.

Em 1911, na Áustria, Dinamarca, Alemanha e Suíça, ativistas organizaram manifestações no dia 19 de março. Mais de 1 milhão de mulheres foram às ruas por direito ao trabalho remunerado (legalmente vetado para mulheres em muitos países europeus), pelo direito de voto, pelo direito de receber treinamento profissional, concorrer a cargos públicos e pelo fim da discriminação contra mulheres. No mesmo ano, em 25 de março, aconteceu o trágico incêndio na Triangle - indústria de tecidos em New York, o mais conhecido evento ligado à criação do dia internacional das mulheres. Mais de 140 trabalhadoras - a maioria imigrantes italianas e judias - morreram queimadas, porque as portas da fábrica estavam trancadas, para evitar greves e manifestações contra as condições de trabalho.

A definição do dia 08 de março como a data internacionalmente reconhecida como dia de mobilização pelos direitos das mulheres foi definida pelo calendário das ativistas russas. Entre 1913 e 1914, o movimento 'Pão e Rosas' promoveu dezenas de manifestações pelo fim da participação russa na primeira guerra mundial e pelos direitos trabalhistas das mulheres. No calendário russo - calendário gregoriano, o dia estabelecido para as manifestações foi o 23 de fevereiro, que se traduz como 08 de março no calendário ocidental. Depois de 1914, as campanhas pacifistas se intensificam na Europa, sobretudo pela participação de mulheres, e no dia 08 de março começa a se consolidar o dia internacional de mobilização, tradição que persistiu com o fim da primeira guerra mundial e se manteve presente nos calendários oficiais.

Globalmente, em 1975 a Organização das Nações Unidas cria o Dia Internacional das Mulheres como parte da sua agenda, para convidar os estados membros a promover medidas pelo fim da discriminação contra mulheres. E a partir daí os movimentos feministas passaram a organizar marchas e manifestações por diversas partes do globo. Todavia, o 08 março não era popularmente

1 - **Para saber mais:** As origens e a comemoração do Dia Internacional das Mulheres. Ana Isabel Álvarez Gonzalez, 208 págs.; Ed. SOF/ Expressão Popular. Livraria Online da ONU - <https://www.internationalwomensday.com/about>

conhecido fora dos meios de manifestação política e de ativistas.

É a partir da década de 2000, e da visibilidade gerada pelas campanhas globais na mídia sobre o tema do fim da violência contra mulheres, que o dia se tornará mais popular, a ponto de iniciar novas práticas sociais para marcá-lo. As tradições comerciais de troca de pequenos presentes e flores para mulheres se tornam mais frequentes no novo milênio, e também passam a receber atenção da mídia.

É o uso popular das redes sociais, todavia, que vai expandir a atenção sobre a data, bem como tornar a articulação global de marchas, manifestação e reunião de mulheres em mobilizações por direitos mais facilmente acessível ao público em geral.

Politicamente, a agenda das manifestantes se diversifica. Se o voto, os direitos trabalhistas e a paz mundial eram as principais demandas das extensas mobilizações sociais por direitos durante toda a primeira metade do século XX, movimentos conduzidos sobretudo por ativistas europeias e do norte político, o final do século XX verá a pauta do dia 08 de março se ampliar, com a presença das ativistas do sul e as pautas antirracista, contra a violência doméstica, contra a violência sexual e pelos direitos reprodutivos também se tornando presentes, inclusive contestando a visão eurocentrica do desenvolvimento linear e cumulativo dos direitos das mulheres.

O 08 de março chega ao século XXI com mais participação de mulheres através do globo, com mais pautas de mobilização política e sobretudo com mais apelo junto à opinião pública, na busca por mais igualdade de direitos. Mas por que ainda tantas mulheres se articulam nessas mobilizações?

03. Combate à discriminação contra mulheres: múltiplos atores, múltiplas pautas de reivindicação

Por que as mulheres têm menos acesso ao mercado de trabalho? Por que tarefas como o cuidado continuado de crianças e idosos, assim como o trabalho doméstico continuam 'tarefas de mulher' e majoritariamente não remuneradas? Todas as mulheres são discriminadas, por serem mulheres, da mesma forma? Os direitos reprodutivos devem ser tratados como uma questão de direitos individuais, ou intervenção estatal e de perspectiva religiosa devem sopesar políticas públicas de acesso?

A discriminação contra as mulheres é um fato historicamente construído, mas não moralmente certo, que têm múltiplos discursos de fundamentação. O core básico das justificativas da discriminação contra mulheres circula em torno da afirmação de que mulheres são menos capazes do que homens para certas atividades: como o trabalho remunerado, o exercício da política, as atividades intelectuais ou artísticas. Sua existência como pessoas não é, ou deveria ser, autônoma. As mulheres seriam, naturalmente, dependentes da família ou de outras pessoas, e sua importância social, o reconhecimento que merecem, está atrelado ao cumprimento de papéis como o da maternidade, da cuidadora de crianças e idosos, e posição de conselheira e apoio moral para os homens da sua família ou do seu círculo social. Às vezes, esse discurso é fundamentado em diferenças biológicas, às vezes em características psicológicas. Discursos religiosos também têm sido tradicionalmente associados à justificativa de que mulheres não precisam ter os mesmos direitos que os homens. Discursos sobre raça e classe social também são importantes para construção de justificativas para a exclusão das mulheres racializadas do exercício de muitos direitos básicos.²

A história das mobilizações pelos direitos

2 - Abolicionista e educadora norte-americana, em 1851 proferiu um discurso histórico sobre a justiça da igualdade de direitos entre homens e mulheres, argumentando que justificativas psicológicas, religiosas e raciais não eram fortes o suficiente para impedir que mulheres consertassem o mundo e conquistassem direitos. E não sou uma mulher? Sojourner Truth.

Fonte: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>

das mulheres ao longo do século XX desafiou a preponderância desses discursos e hoje a igualdade de direitos é legalmente assegurada na maioria dos países do sistema internacional, sendo um dos temas com mais extensa legislação internacional de direitos humanos.

Com relação ao 08 de março, cuja o intuito inicial é celebrar essa resistência, sua trajetória se inicia no século XX, e persiste até hoje como uma data importante de mobilização e sensibilização para os temas que envolvem as dificuldades de acesso das mulheres aos seus direitos. Mas que dificuldades são essas? Todas as mulheres as enfrentam do mesmo modo? O que o debate racial, sobre identidade de gênero e desigualdades sociais têm a oferecer para compreender porquê o Dia Internacional das Mulheres é um dia de mobilização importante? E por que a celebração do dia recebe críticas de mulheres?

04. No século XXI: novos significados para o 08 de março

A criação na agenda da ONU do Dia Internacional da Mulher em 1975, não foi o ponto final de parada da trajetória histórica das mobilizações envolvendo o dia. O sucesso perante a opinião pública, todavia, foi mais sentida a partir dos anos 2010, com o advento do uso expansivo das redes sociais pelo planeta. A celebração também adquiriu ares comerciais e de festejo, o que às vezes levanta críticas das ativistas, por quererem manter o sentido original de um dia dedicado a pressionar por mudanças sociais e políticas, mais do que ser festejada por ser mulher. Se a discriminação, apesar da igualdade de direitos celebradas nas leis persiste, o que comemorar?

a) Combatendo a violência e os abusos

Em 1993 foi aprovada a Convenção contra todas as formas de discriminação contra a mulher, e seguida dela várias convenções regionais passaram a abordar o problema da violência doméstica, do feminicídio e da violência de gênero. Coube ao novo milênio ver o surgimento de intensas movimentações globais em torno do 08 março focado nessa nova pauta: a criação de legislações e políticas públicas de combate à violência contra mulher. A escolha do tema, segundo ativistas, foi estratégica: os diversos movimentos por direitos através do globo já haviam absorvido a percepção de que nem todas as mulheres usufruíam dos mesmos direitos e nem enfrentavam os mesmos desafios para a sua implementação, o que fragmentava a construção de uma pauta comum. Contudo, quando se tratava da violência cometida por pessoas conhecidas, aquela vivenciada no ambiente familiar e nos relacionamentos afetivos, era possível construir um consenso de que este era um tema legitimamente de todas as mulheres.

No Brasil, as primeiras políticas públicas para o tema surgiram na década de 1980, com a criação das delegacias da mulher, mas os debates para a já famosa Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio só surgiram a partir dos anos 2000. Essa pauta: de que mulheres e meninas são vítimas de violência doméstica, são agredidas, humilhadas e mortas muitas vezes por seus parceiros e familiares, por serem mulheres e meninas, recebe um tratamento especializado. O motivo?

Esse padrão de agressão é diferente daquela tradicionalmente pensada na criação dos sistemas de justiça e legislação de proibição dos atos de violência, porque pressupõe o conhecimento entre vítima e agressor e o estabelecimento de relações de convívio entre eles. E dentro da compreensão do que seria a violência contra mulheres, surgiu o debate sobre a violência psicológica, e de como o afeto das vítimas para seus agressores é frequentemente utilizado como forma de encobrir agressões e humilhações que podem ter consequências trágicas. Ser considerada

uma mulher abre um leque de possibilidades de violência que é mais frequentemente acometida por homens contra mulheres. Entre as formas de violência que foram reguladas nos últimos 20 seguindo essa premissa temos: violência doméstica (agressão, abuso psicológico, estupro marital, feminicídio), violência sexual (estupro, atos sexuais forçados, assédio, abuso sexual de crianças, casamento forçado, assédio público, cyberstalking e assédio online), o tráfico humano (para fins de trabalho forçado e exploração sexual), mutilação genital e o casamento de crianças.³

b) Quem são as mulheres? Identidade de gênero e a questão racial

Uma das bandeiras a aparecer ligadas às mobilizações por direitos das mulheres nos anos recentes tem sido a expansão da compreensão de quão diversas são as mulheres. Seriam os critérios biológicos de identificação sexual feminino em oposição ao masculino suficientes para definir quem é ou não mulher? Os anos 2010 viram o debate sobre as mulheres transgênero e as mulheres intersexuais ampliar a categoria do que significa viver a experiência de ser uma mulher.

Outro foco importante de debate é sobre a experiência de ser mulher e a questão racial. A trajetória oficial do dia 08 de março sempre foi duramente contestada por ativistas pretas e por lideranças mulheres indígenas que o consideram o dia uma celebração das experiências das mulheres brancas europeias sobre o que é ser ativista de direito, enquanto as questões das mulheres pretas e indígenas ficam invisibilizadas dentro das mobilizações e análises. A definição das plataformas internacionais de ação na própria ONU conta com espaço reduzido para as pautas de mulheres pretas e mulheres indígenas e as tentativas de inclusão ainda são tímidas, embora desde 2015 existam várias marchas das mulheres negras organizadas no continente americano.

c) Direitos reprodutivos e a questão da maternidade

Uma das clássicas bandeiras das mobilizações em torno do 08 março, com especial importância na América Latina nos últimos 5 anos, diz respeito ao acesso aos direitos reprodutivos e a questão da maternidade. A onda verde que tomou os países latinos, especialmente a Argentina, nos últimos anos colocando a questão da legalização do aborto são mobilizações que existem para além do 8 março, mas que certamente têm seu espaço na agenda de muitas ativistas feministas para a data.

O aborto como questão de saúde pública não pretende esgotar o dilema moral que envolve a questão se pessoas que gestam podem ou não decidir sozinhas pela interrupção da gravidez, e quando começa a vida e quando ela deve ser protegida. A perspectiva é retirar o poder de escolha do Estado, para centrar a questão a partir da escolha individual.

Ainda nesse tema, também cresce a presença de debates sobre a saúde da gestante, humanização do parto e o fim da violência obstétrica (violência cometida por profissionais da saúde no atendimento durante a gravidez e o parto, que envolve violência física e psicológica). O cuidado especializado para gestantes é também uma das pautas a circular nas manifestações e campanhas online do 08 de março. Por exemplo, durante a pandemia de covid-19, 124 gestantes brasileiras morrem em decorrência de complicações da doença. O país responde por 77% das mortes de gestantes em todo o mundo. Esse tema foi alvo de mobilizações durante o último dia 08 de março.

d) A participação política ainda a ser conquistada

Se no início do século XX, a batalha pelo voto era o ponto comum de ativistas pelas américas e Europa, o século XXI dá destaque ao tema da representação política, sobretudo da eleição de mulheres para cargos públicos. Mulheres podem votar e ser eleitas, mas após mais de 1 século das primeiras terem esses direitos na democracia, por que a disparidade entre mulheres e homens eleitos ainda permanece? Na média mundial, de cada 4 representantes nos espaços legislativos, apenas 1 é mulher. E quando se trata dos postos políticos mais altos do executivo, a disparidade é ainda maior. Em 2019, havia apenas 13 mulheres chefes de governo (a ocupar em os cargos de presidente da república ou de primeira ministra) no mundo. A representação política ainda é pauta da mobilização por direitos das mulheres e essa demanda certamente ainda é debatida dentro das manifestações do 08 de março.

e) Mulheres e Mercado de trabalho

Aproximadamente 60% das mulheres no mundo trabalham na chamada economia informal, sem contrato oficial de trabalho. As consequências são drásticas: mulheres, na média, recebem menos que homens, têm menos acesso a poupança e economias para aposentadoria e correm mais riscos de caírem na pobreza extrema. Globalmente, mulheres recebem em média 23% a menos que os homens, embora a quantidade de trabalho que exerçam seja maior. Mulheres e meninas ainda são as principais responsáveis pelo trabalho doméstico, serviço essencial para a manutenção das condições dos trabalhadores aptos ao mercado econômico, mas para elas essa atividade essencial não é remunerada. No Brasil, por exemplo, se estima que mulheres dediquem 25 horas semanais aos afazeres domésticos, enquanto homens dedicam-se 9 horas. A remuneração das tarefas domésticas, o reconhecimento estatal de planos de aposentadoria especial para pessoas que re-

alizam tais funções é uma pauta bastante antiga das ativistas pelos direitos das mulheres e continua nas mobilizações em torno do 08 de março.

05. Será necessário um dia Internacional das mulheres?

Com tantos desafios a serem vencidos, a importância do 08 de março como um dia de mobilização, apesar das críticas, ainda é sentida. Esta importância tem reconhecimento social e inspirou a criação de outras datas oficiais para incentivar o debate público sobre temas dos direitos das mulheres. Hoje há também o Dia Internacional do Combate à Violência Contra Mulheres, em 25 de Novembro, e outras datas oficiais que fazem o calendário das principais manifestações através do globo. Resta perguntar, por quanto tempo será necessário articular mobilizações pelos direitos das mulheres?

Segundo os dados oficiais, a igualdade de gênero levará mais um século para ser atingida globalmente, e enquanto isso não acontecer é bem provável que o 08 de março continuará a ser uma data importante não apenas para celebrar mulheres, mas sobretudo para estabelecer visibilidade sobre a ampla pauta de mobilizações por direitos pela qual ainda muitas mulheres se organizam e desejam ver tornada real.

